



## O QUE EXISTE ANTES DA MORTE? INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ÉTICA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

*What is there before death? Investigation from Paul Ricoeur's hermeneutic ethics*

José Vanderlei Carneiro  
UFPI

**Resumo:** Este artigo tem o propósito de refletir o problema da morte a partir de uma abordagem da ética hermenêutica. Para isso, consultaremos os seguintes textos de Paul Ricoeur: *O problema do fundamento da moral*, *Philosophie de la volonté - le volontaire et l'involontaire* e *Vivo até a Morte e O justo II*, além dos comentadores desta matéria. O texto está organizado em três tópicos. O primeiro trata das expressões da liberdade como interação do agir humano, o segundo, refletiremos a vida moral a partir das representações sobre a morte como interpelação ao sentido de agir e de existir e, por último abordaremos o objeto da reflexão a respeito da vida, da morte e da liberdade numa compreensão da bioética no pensamento do filósofo francês.

**Palavras-chave:** Liberdade. Morte. Vida. Bioética.

**Abstract:** This article aims to reflect the problem of death from an approach of hermeneutic ethics. For that, we will consult the following texts by Paul Ricoeur: *The problem of the foundation of morals*, *Philosophie de la volonté - le volontaire et l'involontaire* and *Vivo até a Morte and Ojust II*, in addition to the commentators on this matter. The text is organized into three topics. The first deals with the expressions of freedom as an interaction of human action, the second, we will reflect the moral life from the representations about death as an interpellation to the meaning of acting and existing and, finally, we will approach the object of reflection about life, of death and freedom in an understanding of bioethics in the thought of the French philosopher.

**Keywords:** Freedom. Death. Life. Bioethics

### Introdução

O presente texto se desenvolve em torno da ética hermenêutica de Paul Ricoeur a partir de três exercícios de reflexão. Primeiramente uma leitura a partir do texto *O problema do fundamento da moral*. O filósofo francês rastreia um “*fundamento mais primitivo para a moral, mais radical que o fundamento que é posto pela lei*”. Um fundamento que garanta a reflexão em torno do exercício da liberdade de decisão. Uma compreensão de liberdade como fonte da ética. Para sua efetiva aplicação a liberdade é lançada ao ato humano do fazer e não somente uma contemplação sobre si mesma. É disso que o filósofo se pergunta; “o que significa, para a liberdade, atestar-se?” A liberdade se processa no percurso do seu fazer, já que não tem o domínio sobre si mesma, pois se constitui na relação conceitual da análise linguística como atividade subjetiva das línguas naturais, por um lado, e por outro, por meio do mundo das obras.

A segunda reflexão será a respeito das representações de sentido como disputa fenomenológica entre a vida e a morte. Desde o *Philosophie de la volonté - le volontaire et l'involontaire* e *Vivo até a Morte*, Ricoeur aborda o aspecto da vida como não sendo

um valor, mas como um valor heterogêneo entre outros valores vitais ante da morte. A vida como irrupção do nascimento até a morte advém de uma descrição fenomenológica de Ricoeur, por um lado, e por outro, o filósofo faz um enxerto hermenêutico, opondo a ontologia de ser-para-a-morte à ontologia de ser-versus-morte, a partir das representações do imaginário sobre a morte.

No terceiro momento da reflexão abordaremos uma concepção de bioética como um modo de proceder ético. Essa abordagem se faz no âmbito do debate entre o problema da morte, da vida e da liberdade como matéria de investigação bioética. Paul Ricoeur, na obra *O Justo II*, estabelece uma distinção entre as grandes narrativas éticas e éticas regionais. O problema fundamental desta reflexão é exatamente em torno da relação sobre o sentido da vida, provocado pelas representações de uma fenomenologia hermenêutica da morte.

Portanto a pergunta “o que existe antes da morte?” será compreendida sem uma categoria hierárquica ordenada no pensamento, como liberdade de escolha no ato de deliberação a respeito da vida própria, podendo ser tomado como um objeto aberto a investigação da vontade entre diversos valores de representações vitais que dão motivação voluntária de cuidado, conferindo margem para pensarmos a compreensão de liberdade como categoria de sustentação da vida para uma noção de bioética recoeuriana.

### Expressões da liberdade no agir humano

O que existe antes da morte? Teríamos muitas respostas, mas escolherei a liberdade como fonte da ética e afirmação do poder-viver como enfrentamento à morte. Contrário à morte não é necessariamente a vida, mas uma decisão do espírito de saber viver, viver bem como um ato livre. Paul Ricoeur no seu texto *O problema fundamental da moral*, publicado em 1975, já na sua segunda versão textual, desenvolve uma investigação em torno da compreensão da gênese da ética, distinta de qualquer leitura tida como imperativo ou lei. Uma espécie de hipótese investigativa que conduz o leitor ao ponto zero da ética, uma quase ficção originária. O filósofo busca um saber *primitivo, radical como fundamento*, uma elaboração teórica das práticas humanas livres como fonte daquilo que a cultura denominou como moral. Uma concepção de ética constituída sem as noções de princípio ou lei; de nenhuma ordem como fundamento, mas uma ideia de ética assegurada como expressão da liberdade ou “uma compreensão de liberdade como fonte da ética”.

Mas como compreender a liberdade como fundamento da ação humana no contínuo poder-viver? Podemos compreender a partir dos seguintes referentes da noção de liberdade: a linguagem, a ação, o *logos*, desejo, o *Essencial*<sup>1</sup>... Ou ainda, compreendemos a liberdade mediada por meio do verbo, do fazer, do ato mesmo da experiência humana. Em *Philosophie de la volonté - le volontaire et l'involontaire*, Ricoeur trata de uma noção de liberdade da vontade como um lançar-se na história e na singularidade humana, “a dialética entre o voluntário e involuntário, demonstra a condição humana da liberdade” (MÖBBS, 2017, p. 20).

Seguindo o texto *O problema fundamental da moral*, a liberdade não se compreende como uma contemplação sobre si mesma. É disso que o filósofo se pergunta: “o que significa, para a liberdade, atestar-se?” (RICOEUR, 2011, p. 130). Não seria um processo dos atos humanos? Pois a liberdade não tendo domínio sobre si mesma, resta se objetivar nas obras, na criação, na vontade voluntária do fazer, na

<sup>1</sup> O Essencial é, em certo sentido [...], o religioso; é, se ousar dizer, o religioso comum que, no limiar da morte, transgredir as limitações consubstanciais ao confessor e confessado. [...] Do mesmo modo que todos nascem numa língua e só têm acesso às outras línguas por um aprendizado secundário, e no mais das vezes somente pela tradução, o religioso só existe culturalmente articulado na língua e no código de uma religião histórica; língua e código que só articulam filtrando e, nesse sentido, limitando essa amplitude, essa profundidade, essa densidade do religioso que chamo aqui de o Essencial. (RICOEUR, 2012, pp.13-14).

consciência de mundo e de ser humano em relação. Uma relação entre crença e ato. Como diz Ricoeur:

Não posso ver a minha liberdade, não posso sequer provar que sou livre, só posso pôr-me [me posar] e crer-me livre. É, portanto, a ausência de uma visão, que me daria a certeza de um facto, que explica que a liberdade só se pode atestar através das suas obras. (RICOEUR, 2011, p. 129)

A ética surge na relação entre o posicionamento do ato e a motivação que a crença dá ao ato. Ou seja, “há ética precisamente porque, se a crença na liberdade pode ser entendida como a luz de um ato, essa é uma luz cega cuja produtividade deve ser reconstituída ao longo de toda uma vida, de toda uma atividade...” (RICOEUR, 2011, p. 131). Daí que o problema da ética investigado pelo filósofo se compreende em torno da relação entre liberdade e atestação<sup>2</sup>, constitutivo de uma hermenêutica da confiança pertencente a uma via longa do pensamento interpretativo em torno do fazer e do existir.

A liberdade enquanto expressão da ação humana escapa ao domínio de si mesmo, como vacilo da consciência, vindo de sua percepção da falta como sentimento mais primitivo e mais original, antes mesmo de qualquer determinação da lei, mas constitutiva da consciência operante em relação do sentimento de não-consciência e de posição a sua liberdade, enquanto expressão do “Eu posso”, vinculado ao testemunho do mundo das obras.

Chamarei portanto, ética a esse percurso de efectuação, essa odisséia da liberdade através do mundo das obras, esse teste feito ao poder-fazer através das acções efectivas que dele prestam testemunho. A ética é esse percurso que vai da crença nua e cega num “eu posso” primordial à história real na qual eu atesto esse “eu posso”. (RICOEUR, 2011, p. 131)

Mas até aqui a liberdade, para o filósofo francês, ainda não configura um saber ético, pois estamos somente no primeiro momento da reflexão, como ele mesmo afirma, na liberdade de primeira pessoa. Precisamos seguir para uma noção de liberdade na segunda pessoa. Pois “o problema da moralidade surge verdadeiramente quando a liberdade é posta na segunda pessoa enquanto querer da liberdade do outro, querer que a tua liberdade seja.” (RICOEUR, 2011, p. 131). Para isso, ele busca em Husserl o pressuposto fundamental do conhecimento sobre o que significa a pronúncia do pronome “eu”, “ego”, sem o qual não teremos acesso ao outro, já que “o outro é verdadeiramente um outro eu, um *alter ego*”, *alter*, é certo, mas *alter ego*” (RICOEUR, 2011, p. 131). Assim, o eu moral, a ética na sua tessitura se encontra, exatamente, na atualização do reconhecimento, na semelhança da liberdade do eu pela liberdade do tu; da liberdade do outro pela liberdade do seu duplo. Ou seja,

parece-me que toda a ética nasce dessa tarefa duplicada de fazer surgir a liberdade do outro como semelhante à minha. O outro é meu semelhante! Semelhante na alteridade, outro na similitude. Nesse sentido, o problema do reconhecimento da liberdade na segunda pessoa é o fenómeno central da ética. (RICOEUR, 2011, p. 132)

Com o surgimento do outro, da liberdade de segunda pessoa, a consciência operante se depara com a realidade própria das relações humanas que é o conflito, a disputa, o confronto, os interesses dispares, as vaidades, a prepotência, o jogo do poder, o ressentimento e as diferenças com o seu outro.

<sup>2</sup> “A atestação poderá ser definida como *segurança de ser agente e padecente*. Essa segurança continua sendo o último recurso contra toda suspeita; mas, apesar de sempre ser, de algum modo, recebida de outro, continua sendo atestação de si.” (RICOEUR, 2014, p. XXXVIII).

Neste sentido, para dirimir o conflito da obra humana, os conflitos das liberdades e pensar o problema da fundamentação da moral, Ricoeur desenvolve um terceiro momento da sua reflexão: a liberdade de terceira pessoa – “o isto”. Ele diz:

Como dar conta, em ética, daquilo que não está nem na primeira nem na segunda pessoa, daquilo que, se é que me posso exprimir assim, é uma não-pessoa que se exprime – e será esse o conteúdo da segunda parte – de forma neutra no valor, na norma, na lei? Como é que é possível que haja um termo neutro na ordem da ética?” (RICOEUR, 2011, p. 132).

A pergunta motriz deste texto é “o que existe antes da morte?” A liberdade como fundamento da moral, a liberdade de terceira pessoa, a liberdade do agir humano nas suas diversas formas de liberdades – “eu”, si mesmo como um outro e o “isto”; antes da morte é tudo interpretação; é livre imaginação estética e de sentido, mesmo a vida, pois depende dos seus diversos necessários – os involuntários vitais.

Dito de outro modo, ninguém começa a história da ética, ninguém se situa no ponto zero da ética. É uma situação que se compreende comparando-a à situação da linguagem: da mesma forma que ninguém começa a linguagem, também ninguém começa a instituição. [...] “Todo o começo, em ética, não pode ser senão uma ficção; e a comparação com a linguagem é tão mais pertinente quanto a linguagem é ela mesma uma instituição (RICOEUR, 2011, p.133).

Ricoeur, neste estudo, não menciona a concepção de liberdade em Kant, no sentido cosmológico ou transcendental, mas sua relação paradoxal da teoria moral no sentido de “autoatividade” (espontaneidade) absoluta e como “autodeterminação” que, em última instância, estaria sustentando a liberdade de terceira pessoa do filósofo francês. Mas qual a relação entre liberdade e morte? Que ontologia melhor compreende esta tarefa moral?

### **A vida moral sem um intervalo entre a vida e a morte**

A presença da morte permeia os escritos de Paul Ricoeur, desde a *Filosofia da la Volonté - le Volontaire et l'involontaire*, sua tese doutoral, publicada em 1950, até o último trabalho póstumo – *Vivo até a morte*, fragmentos de suas meditações, publicado em 2007 (Cf. BASTOS, 2016). Ricoeur começa sua meditação sobre a morte se perguntando: “Por onde começar este aprendizado tardio? Pelo essencial, de uma vez? Pela necessidade e a dificuldade de fazer o luto de um querer-existir após a morte? Pela alegria – não, melhor pelo júbilo unido à graça esperada de existir vivo até a morte?” (RICOEUR, 2012, p. 7). E responde: “Não: o essencial está próximo demais, logo demasiado encoberto, demasiado dissimulado. Ele se descobre pouco a pouco, no fim.” (RICOEUR, 2012, p. 7).

A morte é travessia do início ao fim (início); é horizonte de luta, de movimento de resistência, de fraqueza, de capacidade do ser, ou mesmo na falta do conceito, podemos compreendê-la como êxtase e perplexidade. A morte, na leitura do filósofo, pode ser abertura de autotranscendência, para além dos limites culturais e religiosos, ultrapassando as travas das linguagens humanas, pois se aproxima do essencial.

No *Philosophie de la volonté - le Volontaire et l'involontaire*, Ricoeur, ao tratar dos caminhos do consentimento, aborda a experiência da contingência e a ideia da morte, perguntando pelo lugar que temos para a ideia da morte. O filósofo dialoga com as filosofias do sujeito que não permitem a experiência da contingência, nem da necessidade da inutilidade da reflexão absoluta. Uma forma de pensar a estranha ideia de uma necessidade de negação continua da necessidade, como uma evocação da morte. “Que a ideia da morte é radicalmente estranha à autopercepção, é fácil confirmá-la

questionando as várias experiências subjetivas em que uma vaga experiência de “ter que morrer” poderia ser contida à primeira vista”<sup>3</sup> (RICOEUR, 1988, p. 429).

Em *Vivo até a Morte*, fragmento dos seus últimos pensamentos a respeito da morte, Ricoeur elabora uma reflexão desconstruindo a aflição das representações sobre a morte, como “luto e alegria e o luto inacabado”, produzida exatamente destas experiências subjetivas e configuradas através das elaborações do imaginário.

Acompanhando Suelma de Souza Moraes, apresentamos de forma sintética e comentada três ideias destas representações fenomenológicas da morte.

a) “A primeira a ideia surge do imaginário que ele trata da impossibilidade de figurar o que são e onde estão agora nossos próximos já mortos” (MORAES, 2015, p. 75). Se perguntamos o porquê, deve existir algum devaneio na razão ou na alma que interpela o sentido. A morte não apaga o imaginário, pois ela é do âmbito do poético e infere nas práticas social e moral do mundo vivido, isto é, do respeito, da reverência, do estimável, do desprezo, do silêncio... Uma representação constitutiva na simbólica da morte: dos ritos culturais às arquiteturas fúnebres das comunidades dos viventes; desde os povos antigos e seus costumes diversos aos modernos hábitos informatizados; desde a invenção do mito à expressão do logos; desde o júbilo religioso à exteriorização do trágico na história humana... a morte sempre se apresenta como imagem e generalização do fenômeno.

[...] O imaginário procede por deslocamento e generalização: meu, nossos mortos os mortos. Generalização por dissipação das diferenças: o amado – o terceiro. Os mortos como terceiros desaparecidos, os finados. O dia de Finado. (RICOEUR, 2012, p. 8)

b) A “segunda ideia trata da impossibilidade de se imaginar morto, a morte do amanhã, a preocupação do imaginário que se torna a questão da sobrevivência de como me imagino e de que modo me imaginariam morto ” (MORAES, 2015, p. 76). Esse esforço *aporético* produz sentimentos de angústia e desolação, por um lado e por outro, o ser humano tem a percepção do seu absoluto desconhecido. Ricoeur elabora com essa ideia a experiência do absurdo no sentido de exorcizar o imaginário das possibilidades de representações da vida diante da pós-morte.

[...] Minha batalha é com e contra essa imagem do morto de amanhã, desse morto que serei para os sobreviventes. Com e contra esse imaginário em que a morte é certo modo desejada pelo morto e pelos mortos (RICOEUR, 2012, p. 9).

c) A “terceira ideia de morte que Ricoeur irá aprofundar são as filosofias de finitude da morte, aceitação de ser mortal, numa recusa do além-morte” (MORAES, 2015, p. 76). A compreensão da vida que se encerra na sua finitude, ou seja, “ser-para-a-morte” produz a experiência desesperada e agonizante. A leitura do filósofo francês é de uma aceitação/recusa, pois talvez fosse melhor falar de uma ideia de poder-ser, poder-morrer. Pois a ideia de finitude, da certeza de morrer, também incide sobre outra certeza, que é a de afirmação da existência como desejo de lutar contra a imagem do morto aos vivos.

Se o caminho da finitude aceita deve ser retomado, é só depois de ter lutado contra o imaginário da morte sobre eu só expressei por enquanto uma imagem, a antecipação interiorizada do morto de amanhã que serei para os sobreviventes, ... (RICOEUR, 2012, p. 11).

<sup>3</sup> Que l'idée de la mort soit radicalement étrangère à l'aperception de soi, il est facile de le confirmer en interrogeant les diverses expériences subjectives où pourrait être contenue à première vue une expérience vague du "devoir mourir" (RICOEUR, 1988, p. 429).

Há que se considerar as circunstâncias do poder-morrer em relação aos seus desdobramentos criativos de imaginação. O imaginário, aqui, também pode ser da vida como percurso do desejo. Pois enquanto estiver vivo, estará no enfiamento permanente contra as imagens da morte. É sobre esse imaginário da agonia que o filósofo resiste.

Essa percepção se pode encontrar junto aos doentes na clínica médica de terapias paliativas. Eles não se veem como moribundos, como imediatamente mortos, NÃO! Mesmo no sofrimento e na dor, a palavra mais importante é: AINDA VIVOS!

[...] O mais profundo testemunho do médico da unidade de terapia constata que a graça interior que distingue o agonizante do moribundo consiste na emergência do *Essencia*<sup>4</sup> na própria trama do tempo da agonia. (RICOEUR, 2012, p. 13).

Ricoeur, respondendo ao professor Frederik Stjernelt<sup>5</sup>, da Universidade de Aalborg, em Copenhaga, sobre várias questões do mundo atual e a relação delas com a “conexão de uma vida”, elabora a seguinte reflexão:

Mesmo quando caracterizo o fundamento da ética como o desejo de uma vida boa, já há vida aqui; uma vida que não é apenas um espaço entre o nascimento e a morte, mas que constitui igualmente a dinâmica da própria existência. Isto também é devido, provavelmente, ao viver num período da vida que é o do seu fim: o que será que quer dizer a vida tocar o seu fim, estar próximo da morte, mas ainda em vida? Isso lembra-me uma piada que os meus estudantes de esquerda contavam nos anos setenta: Haverá uma vida antes da morte? Considero a resposta a esta piada como uma tarefa pessoal! (RICOEUR, 1998, p. 4).

Ou seja, resolver no plano filosófico o problema fundamental da vida, da (in)capacidade de decidir como ato de liberdade o corte possível do exercício da escolha livre - escolher encerrar com sua própria possibilidade de escolha. Reporto-me a Albert Camus:

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. [...] É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade. Mas vejo, em contrapartida, que muitas pessoas morrem porque consideram que a vida não vale a pena ser vivida. (CAMUS, 2016, 19)

Paul Ricoeur, ao se deparar com o suicídio do filho, toma a interpelação a respeito da vida como projeto filosófico: “O que significa que alguns seres humanos, plenos de vida e de força, sintam de forma muito intensa que a única coisa justa a fazer é acabar com a existência? Será este um ato vital ou uma falta vital?” (RICOEUR, 1998, p. 4). Este ato põe ao filósofo uma tarefa hermenêutica para compreender como se aplica a mediação entre a vida e suas relações fundamentais: vida e pensamento, vida e linguagem, vida e instituições, etc. O filósofo quer saber como a vida se constitui e quais os fundamentos de sentido; como a vida se mantém sob a deliberação do ser capaz, do

<sup>4</sup> Esse vocabulário do essencial me acompanhará em toda a minha reflexão. Antecipo, antecipo mais uma vez: o essencial é, em certo sentido (que procurei explicar mais adiante com maior exatidão), o religioso; é, se ousar dizer, o religioso *comum* que, no limiar da morte, transgrede as limitações consubstanciais ao religioso confessante e confessado (RICOEUR, 2012, p. 13).

<sup>5</sup> Esta entrevista foi recolhida em Maio de 1996, quando Paul Ricoeur participava na primeira Conferência Internacional sobre «Bioética e bio-lei» em Copenhaga. Foi publicada em dinamarquês na Weekend avisen em Maio de 1996 e em francês em From Bioethics to Biolaw, De l'éthique au biodroit, Universidade de Copenhaga, Junho, 1998. [https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/havera\\_vida\\_antes\\_da\\_morte](https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/havera_vida_antes_da_morte). Acesso: 27/03/2020.

poder-ser, do homem falível, permitindo uma “exceção na graça de um certo morrer” ou de um certo olhar para o sofrimento da pessoa humana.

Você não tem acesso à violência do organizante em si e por si, se ousar dizer, a não ser através da interpretação de sinais recolhidos pela testemunha que você convoca ao tribunal da sua argumentação. Boa argumentação e boa questão ao fim da sua objeção. Sim, é ainda a um olhar que faço apelo. Mas é a um outro olhar que não vê o agonizante como moribundo, que logo terá cessado de viver. O olhar que vê o agonizante como ainda vivo, como apelando para os recursos mais profundos da vida, como carregado pela emergência do Essencial em sua vivência de vivo-ainda, é um outro olhar. É o olhar da compaixão, e não do espectador que se antecipa ao já-morto. (RICOEUR, 2012, p. 15).

Esta forma de ver “um certo morrer” é constitutivo do discurso religioso, que Ricoeur chama de “emergência do Essencial”, próximo de uma ontologia da finitude como uma interpelação do imaginário da liberdade. Uma liberdade compreendida como “independência dependente”, uma estrutura lógica articulada desde sua antropologia filosófica como sustentação filosófica à uma compreensão de bioética.

### **Bioética como um modo de proceder ético**

O problema da morte, da vida e da liberdade, como matéria filosófica, exige um modo de proceder do campo da reflexão ética. Paul Ricoeur, na obra *O Justo II*, estabelece uma distinção entre éticas anteriores e éticas posteriores. As primeiras denominadas como éticas fundamentais, compreendendo as grandes narrativas sobre as reflexões éticas do ocidente, assim como teleologia e deontologia. Uma expressão do pensamento ético teleológico está configurada na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles; enquanto a deontologia podemos ler na filosofia kantiana, sobretudo na *Crítica da Razão Prática* e *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. As éticas posteriores se posicionam no campo da reflexão e deliberação das éticas regionais, desde os problemas de fronteiras da expressão da vida conhecidos na literatura clínica e filosófica como questões de bioética.

É possível encontrar tanto em Kant quanto em Aristóteles os sinais da necessidade dessa transferência da ética anterior para as éticas posteriores. De fato, é notável que Kant tenha achado necessário completar o enunciado do imperativo categórico com a formulação de três variantes do imperativo, variantes que, despojadas da terminologia que as exposições escolares gravaram no mármore, orientam a obrigação em direção a três esferas de aplicação: *o si-mesmo, o outro e a pólis*. (RICOEUR, 2008, p. 57-58).

Esta leitura, Ricoeur desenvolve a partir da obra *O Si-mesmo como um outro*, acentuando a dimensão do cuidado com a vida: “*Vida boa com e para o outro em instituições justas*”. Estas expressões do agir humano mesmo ainda gerais, mas que operam de forma a distribuir o imperativo em várias esferas plurais: “persistência de si mesmo, solicitude para com o próximo, participação cidadã na soberania” (RICOEUR, 2008, p. 58). São esferas de liberdades que se efetivam como máximas de ação por meio de um processo de rearticulações com as éticas especiais, numa relação interdisciplinar da reflexão filosófica com as práticas pessoais e profissionais (saúde, direito, relação planetária), numa enumeração aberta como abertos são os desejos de liberdade da ação humana. “Cada uma dessas éticas é aplicada a suas regras próprias, mas seu parentesco fraterno, se me permitirem a expressão, conserva notável analogia formal entre elas, no nível da formação do juízo e da tomada de decisão” (RICOEUR, 2008, p. 60).

Os fundamentos hermenêuticos da tomada de decisão podem ser considerados, não necessariamente a partir do texto, mas “tomada de decisão no ato médico e no ato judiciário” (RICOEUR, 2008, p. 239), por exemplo. Para tomada de decisão sobre a vida

própria e a vida do outro, o filósofo busca parâmetros práticos e teóricos que o ajudem a dirimir o conflito da aplicação da liberdade, tendo como referenciais a noção de cuidado, a estima de si e a solicitude.

A decisão sobre a vida própria deve ter como referência fundamental a estima de si em relação ao seu outro, ou seja, a solicitude, como consciência de pertencimento reflexivo ao outro. A solicitude se expressa, em última instância, nas relações de liberdade. Estes são, na nossa leitura, os aspectos insubstituíveis no processo de deliberação sobre a vida, constitutivo da noção de homem capaz, como processo de reflexão, de discernimento em todos os estágios da vida.

Na elaboração filosófica de Ricoeur o homem capaz é fundamentalmente constituído de capacidades de fala, de narração da sua própria história e de posicionamento mediante as questões limites da vida de forma cuidadosa, reflexiva e responsável. O homem capaz dá unidade conceitual, mantendo a diversidade de proposições sobre esse mesmo objeto de estudo, tais como: sujeito, consciência e liberdade. Ricoeur, no entanto, redefine estes conceitos como matéria dos estudos da fenomenologia hermenêutica.

Do ponto de vista da fenomenológico, essa capacidade de fazer se expressar nos múltiplos campos de intervenção humana sob a modalidade de poderes determinados: poder de dizer – poder de agir sobre o curso das coisas e de influenciar os outros protagonistas da ação – poder de reunir sua própria vida numa narrativa inteligível e aceitável (RICOEUR, 2018, 82).

Essas capacidades do sujeito subjaz a noção de bioética interpelado pela urgência dos casos difíceis, como deliberar sobre encerrar com a vida própria ou com a vida de outro. O pensamento ricoeuriano não é apenas palavra proferida, mas palavra considerada, na qual o ser humano tem possibilidade de potencializar suas decisões como expressão de altivez e convicção existencial da sua falibilidade antropológica.

A bioética, portanto, permite o exercício da *phronesis* crítica como ato de liberdade autônoma e vulnerabilidade, formando uma compreensão cuidadosa, naquilo que Ricoeur, em relação as ciências médicas terapêuticas, denomina de pacto de confiança, aqui enquanto constitutivo humano, que basta a confiança na sua abordagem fenomenológica:

A confiança que deposito em minha potência de agir faz parte dessa mesma potência. Acreditar que posso já é ser capaz. Nada é diferente no que tange às figuras da não-potência, em primeiro lugar as figuras do não-poder-dizer. Acreditar-se incapaz de falar já é ser um inválido da linguagem, excomungado de alguma maneira. E é com essa terrível deficiência, com uma incapacidade duplicada pela dúvida fundamental em torno do próprio poder-dizer e mesmo triplicada pela falta de aprovação, de sanção, de confiança e de apoio dadas por outrem ao poder-dizer próprio [...] (RICOEUR, 2008, p.84).

A confiança estabelecida entre sujeitos capazes dirime a dúvida fundamental que cada um se coloca como sujeito de fala e de ação para alcançar um sentido de existir, sem exclusão da palavra e com o cuidado de alívio da vida. O contrato de confiança, que os sujeitos estabelecem entre si e com os outros, é em última instância, procedimento do agir institucional, assim como a liberdade de terceira pessoa, garantindo a integridade dialógica dos sujeitos, mediante qualquer conflito interpessoal que exija um terceiro nível de decisão da pessoa. Segundo Moratalla:

em *Sittlichkeit*, a moralidade é exercida em uma situação, mas não representa nenhuma instância adicional. É neste momento de julgamento que a liberdade é realizada, é neste momento da efetivação; uma vez que o desejo - a afirmação original, a pretensão de uma vida boa - é confrontado com a dureza da norma, da obrigação (necessária por causa da violência), não temos escolha a não ser agir,



decidir, efetuar a liberdade através da mediação e por mediações<sup>6</sup> (MORATALLA, 1998, p. 254).

Moratalla (2007) ressalta que Ricoeur propõem uma tomada de atitude para cada singularidade, levando em conta cada caso, sem quebrar totalmente as regras. Ricoeur desenvolve, em última instância, seu pensamento ao nível reflexivo fazendo referência as várias tradições éticas e matrizes antropológicas para compreender o sofrimento e a dor do ser humano através das noções de vida e de morte, investigadas por meio de uma concepção de bioética.

O estudo sobre “bioética” requer uma leitura descendente da moral, por um lado e, por outro, uma compressão hermenêutica como expressão das éticas regionais. O problema fundamental que esteve na mira da nossa reflexão foi exatamente uma relação sobre o sentido da vida, provocado pelas representações de uma fenomenologia hermenêutica da morte. A pergunta: *o que existe antes da morte* - reelaborada também pelos estudantes de esquerda, da década de 60, de Paul Ricoeur, na França: “*Haverá uma vida antes da morte?*” – foi desenvolvida neste texto como possibilidades de deliberação a partir de uma compreensão de liberdade. Qual o significado da decisão do sujeito, “*pleno de vida e de força, sinta de forma muito intensa que a única coisa justa a fazer é acabar com a existência? Será este um ato vital ou uma falta vital?*” (RICOEUR, 1996, 04).

Estas interrogações mantêm aberto nosso propósito de investigação filosófica a respeito do tema da morte. Desta forma, pensar a morte é pensar a vida moral sem início ou fim *a priori*, mas como fenômeno da experiência narrativa da vida e suas expressões de liberdade. Isso significa pensar as condições do tempo presente e da consciência no ato mesmo de ser, desejar, escolher e existir.

## Conclusão

Este artigo desenvolveu uma leitura em três tópicos a partir do tema “o que existe antes da morte? Investigação a partir da ética hermenêutica de Paul Ricoeur, num percurso de compreensão a pergunta/tema da noção de liberdade, passando pela fenomenologia hermenêutica da morte a até da filosofia que tem a vida e a morte com objeto de investigação e deliberação.

No texto *O problema do fundamento da moral* refletimos sobre a compreensão de liberdade que o filósofo francês explicita a partir de três operações de liberdade vinculada a gramática da linguagem. Uma construção teórica que permita o exercício da liberdade de decisão. Uma forma de pensar como pressuposto de expressão ética. Descrevemos esta ideia motivado pela pergunta do filósofo “o que significa, para a liberdade, atestar-se?” Essa interrogação fez-se necessária para entendermos o percurso da liberdade no seu processo de interação subjetivo e intersubjetivo em relação a produção de sentido da vida moral.

Seguindo nossa reflexão apresentamos as várias representações fenomenológicas a respeito do imaginário sobre a morte. Para isso, recorreremos a dois textos como base teórica para nosso estudo o *Philosophie de la volonté - le volontaire et l'involontaire* e *Vivo até a Morte*. Das imagens sobre a morte expusemos as seguintes ideias: a impossibilidade de se conceber ou indicar o lugar dos mortos, impossibilidade de se imaginar morto e a impossibilidade de aceitação de ser mortal. Além de descrevermos a vida como um valor entre outros valores vitais diante da morte, do seu brotar até sua finitude como “emergência do Essencial”. Uma compreensão de vida baseado numa interpelação do imaginário da liberdade.

Por último, refletimos sobre uma concepção de bioética como um modo de proceder ético e de deliberar sobre os problemas fundamentais do ser humano, tais como vida, morte e liberdade. Os textos pesquisados foram *O Si mesmo como um Outro* e *O Justo II*, que sustentaram o propósito deste artigo, qual seja, estabelecer uma reflexão

<sup>6</sup> Tradução nossa.

a partir da ética hermenêutica de Ricoeur como resposta ao problema acerca de uma fenomenologia hermenêutica da morte.

## Referências

BASTOS, Cláudio Roberto Fontana. **A morte e o Homem: circum-navegações nas incertezas da vida.** (Tese de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, 2016.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: os sentidos de uma vida (1913 – 2005).** São Paulo: LiberArs, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**, 2 vols. Tradução Marcia de Sá Cavalcante, Petrópolis, Vozes, 1988.

MÖBBS, Adriane da Silva Machado. **A Mediação imperfeita em Paul Ricoeur.** Pelotas: Editora UFPeL, 2017.

MORAES, Suelma de Souza. **O amor a si e o diverso de si: uma hermenêutica crítica em busca da compreensão para os desafios identitários contemporâneos.** Observatório da Religião. V. 2, Nº. 02, p. 67-89. 2015.

MORATALLA, T. D. **Bioética y hermenéutica. La aportación de Paul Ricoeur a la bioética.** VERITAS, vol. II, nº 7. 2007.

\_\_\_\_\_. **De la fenomenología a la ética.** In: *Lecturas de Paul Ricoeur.* Juan Masía Clavel; Tomás Domingo Moratalla; J. Alberto Ochaíta. – Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1998.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** Tradução de Paulo Quintela. – São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Prática.** Tradução de Afonso Bertagnoli. São Paulo: Versão para eBook, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vivo até a morte** seguido de fragmentos. Prefácio Olivier Abel; posfácio Catherine Goldstein. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Philosophie de la volonté: I - le volontaire et l'involontaire,** Paris: Aubier, 1950, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Si mesmo como um Outro.** São Paulo: wmf martinsfontes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Haverás vida antes da morte?.** In. Bioethics to Biolaw, De l'éthique au biodroit, Universidade de Copenhaga, Junho, 1998.

[https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/havera\\_vida\\_antes\\_da\\_morte](https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/havera_vida_antes_da_morte). Acesso. 27/03/2020.

\_\_\_\_\_. **O Justo 2.** São Paulo: wmf martinsfontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Si-Mesmo como um Outro.** Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. **O problema fundamental da moral.** Tradução de Gonçalo Marcelo com revisão de Marcelino Agis Villaverde. **Paul Ricoeur – A Força da Razão Compartida.** Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

---

\_\_\_\_\_. **Autobiografía Intelectual**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

---

Doutor em Linguística (UFC)  
Professor do PPGFIL/UFPI  
E-mail: [vanderleicarneiro66@gmail.com](mailto:vanderleicarneiro66@gmail.com)